

Hino a Afrodite e outros poemas

Safo de Lesbos

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2021
edição consultada Eva-Maria Voigt. *Sappho et Alcaeus*.
Athenaeu-Polak & Van Gennep (Amsterdam, 1971)
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
editor-assistente Paulo Henrique Pompermaier
capa e projeto gráfico Lucas Kröeff

ISBN 978-65-89705-05-5

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Safo de Lesbos nasceu, segundo a tradição, de uma família aristocrática em Êresos, na costa ocidental da ilha de Lesbos (mar Egeu), em torno de 630 a.C. A poeta grega passou a maior parte de sua vida numa cidade da costa oriental, a próspera e proeminente Mitilene, onde teria morrido em cerca de 580 a.C. Seu nome figura desde seu tempo entre os expoentes da poesia grega e de um de seus gêneros mais importantes, a *mélica* ou *lírica*, e é o único nome feminino no conjunto de poetas da Grécia arcaica (c. 800–480 a.C.). Muitos outros dados sobre sua vida podem ser colhidos nos testemunhos antigos; vistos de perto, porém, eles se mostram demasiado frágeis, contraditórios, anedóticos, configurando-se antes como peças de uma biografia ficcionalizante, sempre em (re)construção, baseada no que nos restou da obra sáfica.

Hino a Afrodite e outros poemas reúne os textos traduzidos e anotados remanescentes da mélica sáfica, ou seja, de suas canções para *performance* ao som da lira, em solo ou em coro. Mais precisamente, dessa poesia de tradição oral, foram selecionados a única canção completa e os fragmentos mais legíveis de canções do *corpus* de Safo, que sobreviveram ao tempo. Anotações de leitura buscam lançar luz sobre elementos relevantes da estrutura, conteúdo ou transmissão dos fragmentos organizados tematicamente. Precede a tradução anotada uma introdução sobre Safo, sua poesia e o contexto em que se produziu e circulou, o gênero mélico, a fortuna crítica sobre a poeta, a transmissão de sua obra, e as outras poetas mulheres de que se tem notícia.

Giuliana Ragusa é professora livre-docente de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) da Universidade de São Paulo, onde ingressou como docente em 2004, tendo ali se graduado Bacharel em Letras (1999) e obtido os títulos de Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas, e Livre-Docente em Literatura Grega (2019). Entre 2012–2013, fez pós-doutorado nos EUA (University of Wisconsin, Madison, Bolsa Fapesp). Dentre seus livros publicados destacam-se: *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo* (Editora da Unicamp, 2005), contemplado com o 2º lugar do Prêmio Jabuti de 2006, na categoria Teoria/Crítica Literária, *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica* (Editora da Unicamp, 2010), e *Lira grega: antologia de poesia arcaica* (Hedra, 2013). Tem publicado artigos em periódicos especializados na área de Estudos Clássicos, e desenvolve projetos de pesquisa sobre a mélica grega arcaica. Atualmente, integra o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (FFLCH-USP).

Hino a Afrodite e outros poemas

Safo de Lesbos

Sumário

Nota à segunda edição	9
Introdução, <i>por Giuliana Ragusa</i>	13
HINO A AFRODITE E OUTROS POEMAS	69
Afrodite	72
Eros	99
Ártemis.	103
As Cárites ou « Graças »	105
Eos, a Aurora	107
Hera.	108
Musas.	111

Deuses vários em inícios frustrados	114
Cenas míticas	116
Canções de recordação	124
Desejos	141
Dores de amor	145
Sono	150
Viagem	154
Imagens da natureza	156
O cantar, as canções e as companheiras	160
Epitalâmios: canções de casamento	174
Festividades	184
Vestes e adornos	190
Cleis	194
Reflexões ético-morais	198
« Canção sobre a velhice »	203
Canto, velhice: um convite	206
De cantos, cordas, prêmio: imortalidade?	208
Índice	211

Introdução

Safo revisitada: viagem pela poesia grega antiga

GIULIANA RAGUSA

Estas mulheres, divas línguas, o Hélicon nutriu – e o
rochedo macedônio de Piéria – com hinos:
Praxila, Mero, Anite eloquente, feminino Homero,
Safo, adorno das lésbias de belos cachos,
Erina, Telesila mui gloriosa e tu, Corina,
o impetuoso escudo de Atena cantando,
Nóssis de feminina língua, e Mirtes, doce de ouvir –
todas fazedoras de eternos escritos.
Nove Musas do grande Urano, e nove mesmas
Gaia pariu, para a imprecível alegria dos mortais.

ANTOLOGIA PALATINA¹

*Livro IX, epigrama 26, de Antípatro de Tessalônica*²

1. Daqui para frente, *AP*.

2. Séculos I a.C. a I d.C. Tradução de Ragusa (2005, p. 57; 2020, p. 116), com pequenas alterações. Todas as traduções, salvo quando indicado, são minhas. Os textos gregos dos epigramas são da edição de Paton (1916–1918), em cinco volumes. Embasam esta introdução meus trabalhos prévios listados na bibliografia.

Ao contrário do que faz supor o mito – e quando se trata da poeta a que se dedica este livro, mito e realidade se confundem sem cessar, mal se distinguindo entre si –, Safo não é o único nome feminino da poesia da Grécia antiga, mas de sua primeira fase histórica, a arcaica³ (c. 800–480 a.C.). Nascida em 630 a.C., de família aristocrática, na costeira Ereso, oeste da ilha de Lesbos, ela viveu na proeminente Mitilene, costa oriental, contemporaneamente ao poeta e guerreiro Alceu. Ambos são os primeiros poetas lésbios dos quais sobreviveram, para cada um, corpos de obra substanciosos; suas práticas, porém, se beneficiaram, ressalta Angus M. Bowie, de uma forte e bem reputada tradição poética lésbio-eólica, em que se inserem nomes como os dos célebres citaredos Terpandro (séculos VIII–VII a.C.) e Árion (séculos VII–VI a.C.), que levaram a outras geografias do mundo grego, e a dois polos culturais da era arcaica – Esparta e Corinto –, suas práticas métrico-musicais.⁴ Mais não podemos dizer, pois do primeiro há só dois fragmentos de autoria duvidosa, e do segundo, nada resta. De todo modo, a relevância dessas figuras e o peso que conferiram a uma tradição lésbio-eólica de canção bem conhecida e firmada se fazem sentir na imagem que os antigos projetaram de Terpandro, tido como inovador da música grega num século VII a.C. de ricas experimentações, e inventor da lira de sete cordas, algo que a arqueologia prova insustentável, uma vez que o instrumento era já conhecido no mundo minoico-micênico, que antecede o que chamamos “Grécia histórica”. E Árion é dado como o poeta do ditirambo, canção de forte aspecto narrativo.

Safo e Alceu são, ainda, dois dos nomes notáveis de um gênero poético, a *mélica* ou a lírica propriamente dita – a canção destinada à *performance* em solo ou coral, com o acompanhamento da lira (e de outros instrumentos e da dança, na modalidade em coro). Se falo em *performance* é porque, recorde-se

3. O adjetivo é usado no sentido de “antiga, remota”; a era arcaica é, por assim dizer, a mais antiga da Grécia antiga, e divide-se em duas etapas: a arcaica, até c. 550 a.C., e a tardo-arcaica, c. 550–450 a.C.; ver Shapiro (2007, pp. 1–3) a respeito.

4. Bowie (1984, pp. 7–10).

desde já, sobretudo no período arcaico e depois no clássico (c. 480–323 a.C.), pelo menos até c. 400 a.C., a poesia grega é eminentemente de tradição oral e inserida no que John Herington chama de “cultura da canção”,⁵ na qual, recitada ou cantada numa ocasião de *performance*, disseminava “ideias morais, políticas e sociais”. A oralidade, portanto, marca a composição e a circulação dessa poesia em *performances* e *reperformances* profissionais e/ou amadoras a determinada audiência, de certo modo, em dada ocasião, colocada assim em ligação estreita com a vida cotidiana da comunidade em que se fazia e pela qual passava, ligação esta que lhe confere um caráter em essência pragmático. A mélica grega, como bem ressalta Bruno Gentili, “não foi intimista, no senso moderno”,⁶ uma vez que existia integrada na vida da comunidade em meio à qual circulava oralmente. Não por acaso, a voz poética, apresentada numa situação de diálogo entre o *performer* e sua audiência, está sempre em diálogo: em vez de falar consigo mesmo ou a ninguém, o *eu/nós* sempre se dirige ao outro, ao *tu/vós* com que estabelece a interlocução. Se por vezes esta não nos é de todo discernível, isso se deve aos problemas materiais de preservação dos textos. Ora, o diálogo, dimensão viva da comunicação verbal humana, é um elemento crucial da oralidade, incorporado com grande força aos gêneros poéticos da Grécia antiga desde a épica homérica e seus poemas monumentais, a *Ilíada* e a *Odisseia*, em que há uma divisão quase equivalente entre narrativa de ação e interação verbal dialogada entre as personagens.

A oralidade se evidencia na composição da mélica, que se vale regularmente de estruturas e procedimentos estilísticos de caráter mnemônico, que, de maneira mais flagrante na era arcaica, refletem a tradição poética oral, mesmo que já possamos pensar, naquele momento, no uso da escrita – o alfabeto grego, adaptação do fenício, se disseminava desde fins do século IX a.C. – pelos

5. Herington (1985, p. 3).

6. Gentili (1990b, p. 9).

poetas nos processos e técnicas de construção de seus versos.⁷ Pensando o caso de Safo, Jesper Svenbro acredita que ela teve seus textos escritos à sua época e com sua interferência direta, ela mesma os escrevendo – algo que pode ser excessivo e que não podemos comprovar; de todo modo, afirma ele:

Um grego que vivesse por volta de 600 a.C., se refletisse sobre o problema de registrar o poema sob a forma escrita, provavelmente consideraria a questão em termos de uma *transcrição* de algo que já tinha uma existência socialmente reconhecida e que tenha sido tecnicamente controlado num estado oral ou memorizado. Considerar a transcrição como uma operação que tornava o poema duradouro e famoso não seria necessário; a tradição oral era bastante capaz de fazer isso, sem o auxílio da escrita.⁸

Em outras palavras, ainda que aceitemos a possibilidade de que Safo e outros poetas arcaicos, principalmente, tenham feito uso da escrita, o estudo atento aos elementos estruturais e estilísticos de suas obras dá a perceber que a oralidade as gera e sustenta.

7. Ver a respeito Gentili (1990a, pp. 14–23) e Svenbro (1993, pp. 27–30).

8. Svenbro (1993, pp. 145–59).

HINO A AFRODITE
E OUTROS POEMAS

Ó Safo, aos jovens que amam o mais doce travesseiro das paixões,
a ti, junto às Musas, a Piéria adorna, ou o
Hélicon coberto de hera – a ti que sopras tal qual
elas a ti, Musa na Ereso eólia.
Ou Hímen Himeneu, portando sua tocha brilhante,
contigo fica sobre o tálamo nupcial;
ou junto a Afrodite enlutada, lamentando o jovem rebento de
Ciniras, contemplas o bosque sacro dos venturosos.
Em toda parte, ó soberana, te saúdo como aos deuses, pois tuas
canções ainda hoje consideramos filhas dos imortais.

DIOSCÚRIDES, SÉC. III A.C.
Antologia palatina, VII, ep. 407

Afrodite

NOTA INTRODUTÓRIA Nenhuma outra divindade grega aparece nas canções de Safo com a mesma frequência, nem do mesmo modo: Afrodite é a mais presente¹. O fato decerto reflete três das linhas de força da mélica sáfica: a paixão erótica, a beleza e o universo feminino. Ora, Afrodite, em Safo e nos demais poetas gregos, para não falar da iconografia e dos cultos, é multifacetada – como são em geral os deuses gregos –, mas é, fundamentalmente, deidade da beleza física, da feminilidade, da sensualidade, da sedução, da paixão erótica, do desejo – características que constituem seus poderes principais e sua esfera central de atuação, a do erotismo. Há, portanto, estreita afinidade entre o fazer poético de Safo e a imagem de Afrodite, que se traduz em notável e inigualável cumplicidade entre a deusa dileta e a voz poética dos versos.²

1. Afrodite é personagem dos fragmentos 1, 2, 5, 15, 22, 33, 73A, 86, 96, 102, 112, 133, 134 e 140. Neles, o tema da presença da deusa *corpus* foi estudado em Ragusa (2005), em que se baseiam as traduções dos e as notas aos fragmentos legíveis desse *corpus*. Tais traduções, como outras publicadas previamente a esta nova edição da antologia, podem estar aqui ligeiramente alteradas.

2. A diferença é evidente se comparamos a representação da deusa em Safo à encontrada nos demais poetas arcaicos que, como ela, praticaram a poesia mélica; para estes e o estudo de Afrodite em seus fragmentos, ver Ragusa (2010).

« **ΗΝΟ Α ΑΦΡΟΔΙΤΕ** » (FR. 1)

Ποικιλόθρον' ἀθανάτ' Ἀφρόδιτα,
παῖ Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε,
μή μ' ἄσαισι μηδ' ὀνίαισι δάμνα,
πότνια, θῦμον,

ἀλλὰ τυίδ' ἔλθ', αἶ ποτα κατέρωτα
τὰς ἔμας αὔδας αἰόισα πήλοι
ἔκλυες, πάτρος δὲ δόμον λίποισα
χρῦσιον ἦλθες

ἄρμ' ὑπασδεύξαισα κάλοι δέ σ' ἄγον
ᾠκεες στρουῖθοι περὶ γᾶς μελαίνας
πύκνα δίννεντες πτέρ' ἀπ' ὠράνω αἴθε-
ρος διὰ μέσσω

αἰψα δ' ἐξίκοντο σὺ δ', ᾧ μάκαιρα,
μειδιαίσιαισ' ἀθανάτῳ προσώπωι
ἦρε' ὅττι δηῦτε πέπονθα κῶττι
δηῦτε κάλημμι

κῶττι μοι μάλιστα θέλω γένεσθαι
μαινόλαι θύμωι τίνα δηῦτε πείθω
σάγην ἐς σὰν φιλότατα; τίς σ', ᾧ
Ψάπφ', ἀδικήει;

καὶ γὰρ αἰ φεύγει, ταχέως διώξει,
αἰ δὲ δῶρα μὴ δέκετ', ἀλλὰ δώσει,
αἰ δὲ μὴ φίλει, ταχέως φιλήσει
κωὺκ ἐθέλοισα.

ἔλθε μοι καὶ νῦν, χαλέπαν δὲ λῦσον
ἐκ μερίμναν, ὅσσα δέ μοι τέλεσσαι
θῦμος ἰμέρρει, τέλεσον, σὺ δ' αὐτὰ
σύμμαχος ἔσσο.

De flóreo manto furta-cor, ó imortal Afrodite,
filha de Zeus, tecelã de ardis, suplico-te:
não me domes com angústias e náuseas,
veneranda, o coração,

mas para cá vem, se já outrora –
a minha voz ouvindo de longe – me
atendeste, e de teu pai deixando a casa
áurea a carruagem

atrelando vieste. E belos te conduziram
velozes pardais em torno da terra negra –
rápidas asas turbilhonando, céu abaixo e
pelo meio do éter.

De pronto chegaram. E tu, ó venturosa,
sorrindo em tua imortal face,
indagaste por que de novo sofro e por que
de novo te invoco,

e o que mais quero que me aconteça em meu
desvairado coração. “Quem de novo devo persuadir
... ao teu amor? Quem, ó
Safo, te maltrata?

Pois se ela foge, logo perseguirá;
e se presentes não aceita, em troca os dará;
e se não ama, logo amará,
mesmo que não queira”.

Vem até mim também agora, e liberta-me dos
duros pesares, e tudo o que cumprir meu
coração deseja, cumpre; e, tu mesma,
sê minha aliada de lutas.

Comentário Esse *hino clético* – prece que invoca a deidade para instá-la a vir à presença de quem suplica – estrutura-se em três etapas fundamentais, mostra a tradição: identificação do deus,³ essencial num sistema politeísta; recordação de relação previamente firmada com a deidade, de modo a nela suscitar o sentido de obrigação para com quem apela;⁴ explicitação do(s) pedido(s). Essa cuidadosa elaboração formal explica-se por constituir a própria prece em presente à divindade que, com tal agrado, pode se tornar propícia. No hino, a suplicante, que se autoneomeia “Safo”,⁵ invoca a deusa a vir à sua presença, para junto a ela lutar pela sedução da amada que ora a rejeita, objetivo em torno do qual giram todos os pedidos.⁶ Atente-se para a fala de Afrodite,⁷ dita no passado, mas revalidada no presente e a cada nova rodada da vinda da intermitente paixão erótica; tal fala guarda um valor universal de caráter punitivo-consolatório: o consolo do amador rejeitado pelo amado está na reversão de papéis que a experiência erótica em tempo produz. Também vale a pena reparar na visão de *éros* como patologia de corpo e mente,⁸ que, em princípio, torna sua vítima impotente; e no modo como a sedução é pensada como uma batalha e uma caçada, arenas às quais são comuns o ataque violento, a persegui-

3. Versos 1–2.

4. Versos 5–24.

5. Trata-se de procedimento muito usado em variados gêneros poéticos, por meio dos quais a *persona* dramatizada do próprio poeta torna-se parte dos versos que podem imortalizá-lo. A ideia da poesia como instrumento de imortalização de heróis está no cerne da épica, mas logo vemos a ideia associada de que a poesia confere memória e fama não apenas àquilo que canta, mas àquele que a canta. Safo vale-se de autoneomeação em outros fragmentos, bem como Álcman, poeta mélico ativo em c. 620 a.C., Teógnis, poeta elegíaco de fins de 600 a.C., e mesmo antes, Hesíodo, ativo em fins de 700 a.C., na sua poesia didática-comosmogônica e didático-sapiencial, para mencionar apenas esses mais antigos poetas. A prática se perpetua, claro, no correr dos séculos, em várias tradições poéticas, nas quais vai sendo ressignificada. Discuti recentemente o tema da memória e imortalização do poeta pela poesia na Grécia arcaica (Ragusa, 2018, pp. 143–152).

6. Versos 1–5, 25–8.

7. Versos 21–4.

8. Versos 3–4.

ção e a dominação do outro – o inimigo, a presa, o objeto de desejo do sedutor. Tudo isso está muito presente na linguagem erótica da poesia grega antiga, mas se maximiza no Fr. 1 de Safo, em que a suplicante chama Afrodite a ser sua “aliada de lutas”, *sýmmakhos*,⁹ em estreita parceria. Eis o último pedido da prece, que, ao contrário dos demais que se retomam, só surge nas penúltimas palavras. Tudo no hino à deusa é, pois, arquitetado para culminar neste pedido que, se concedido, como será (já o foi no passado!), garantirá o sucesso da empreitada de sedução à qual quer se lançar a suplicante-amada. Pedido que é proferido estrategicamente, depois que aos poucos construiu “uma relação segura e protetora com a poderosa e caprichosa deusa”.¹⁰ Finalmente, nos versos 1–2, veja-se que os epítetos estabelecem Afrodite não só como poderosa, mas também bela sedutora ardilosa. A sedução e a deidade caminham, pois, no âmbito do fugidio, do oblíquo, da dissimulação, da trama. A arte do engano é imprescindível na esfera da sedução regida por Afrodite; e nessa arte, ninguém superará a deusa, preciosa aliada.

Não posso deixar de ressaltar que o “Hino a Afrodite” é não só a mais famosa canção de Safo, mas a única integralmente preservada em citação, feita no tratado *Sobre o arranjo das palavras*,¹¹ de Dionísio de Halicarnasso (retórico, século I a.C.). Mais: é a primeira canção do livro I de Safo, compilado na célebre Biblioteca de Alexandria, provavelmente na virada dos séculos III–II a.C. Todo plasmado como é em Afrodite, a deusa *sýmmakhos* de “Safo” que lhe pede e antecipa sua presença, pode-se pensar o epíteto e o hino como um todo em dimensão metapoética, à semelhança do que se passa com o Fr. 2, adiante. Nessa dimensão, “Safo” dramatiza-se como “uma mulher líder de um grupo feminino e uma poeta totalmente dedicada à esfera da beleza, do amor, e de Afrodite”,¹² e o faz nas derradeiras palavras, “drasticamente revertendo seu sentimento inicial de devastação e depressão”, para se afirmar qual “autoconfiante cho-

9. Verso 28.

10. Thomas, 1999, p. 9

11. Número 23.

12. Bierl 2018, p. 929.

regos, 'líder do coro' e cantora poética".¹³ "Reencenando essa divina aliada de luta na própria *performance*, a canção faz Safo se fundir a Afrodite. Assim, em qualquer *performance*, Safo se torna Afrodite, como a cantora perfeita, plena de encantamento poético e erótico".¹⁴

13. Bierl, p. 930.

14. Bierl, p. 948.

« ODE DO ÓSTRACO » (FR. 2)

†δευρυμμεκρητεσι[.]ρ[]|.†ναῦον
ἄγνον ὄππαι | χάριεν μὲν ἄλσος
μαλίαν, βῶμοι δ' ἔ<ν>ι θυμιάμε-
νοι λιβανώτω<ι>

ἐν δ' ὕδωρ ψῦχρον κελάδει δι' ὕσδων
μαλίνων, βρόδοισι δὲ παῖς ὁ χῶρος
ἔσκιαστ', αἰθυσσομένων δὲ φύλλων
κῶμα †καταιριον

ἐν δὲ λείμων ἰππόβοτος τέθαλε
†τωτ...(.)ριννοῖς† ἄνθειν, αἰ <δ'> ἄηται
μέλλιχα πνιέοισιν |
[]

ἔνθα δὴ σὺ †συ.αν† ἔλοισα Κύπρι
χρυσίαισιν ἐν κυλίκεσσιν ἄβρωσ
<ὀ>μ<με>μείχμενον θαλίαισι νέκταρ
οἶνοχόεισα

... Para cá, até mim, de Creta ... templo
sacro onde ... e agradável bosque
de macieiras, e altares nele são esfumeados
com incenso.

E nele água fria murmura por entre ramos
de macieiras, e pelas rosas todo o lugar
está sombreado, e das trêmulas folhas
torpor divino desce.

E nele o prado pasto de cavalos viceja
... com flores, e os ventos
docemente sopram ...

Aqui tu [...] pegando, ó Cípris,
nos áureos cálices, delicadamente,
néctar, misturado às festividades,
vinho-vertendo ...

Comentário Eis outro *hino clético*, em que se destaca o detalhamento do local ao qual Afrodite é convidada a vir, saindo de Creta. O espaço, porém, não é definido cartograficamente, mas se desenha como cenário primaveril idealizado em chave sacroerótica, inerente à visão grega da natureza, suspenso em temporalidade própria, impregnado de Afrodite, de cujas imagens poéticas e mítico-religiosas se desprendem seus elementos constitutivos. Desse cenário emana uma atmosfera carregada de sensualidade e do divino, algo ampliado pela antecipação da epifania da deusa¹⁵ invocada como “Cípris” – nome mais frequente na literatura grega antiga, além de “Afrodite” –, que evoca seus elos com um de seus locais de culto mais importantes, a ilha de Chipre, onde são particularmente fortes suas ligações com o mundo vegetal. Atente-se para o caráter ativo da epifania, que reforça a ideia da fusão num fragmento de intensa linguagem sinestésica. Há o desejo de proximidade entre a voz poética e a deusa. Proximidade que assume um caráter metapoético na diluição dos limites do mundo divino e do sagrado – a mistura do néctar, nutrição divina, e do vinho, nutrição mortal – na festividade compartilhada da mélica sáfica que celebra o universo de Afrodite. A fonte principal do texto é um *óstraco* (século III a.C.) ou caco de cerâmica, material abundante na Grécia antiga e muito utilizado para a escrita.

15. Verso 13.

PRECE A AFRODITE E ÀS NEREIDAS (FR. 5)

Κύπρι καὶ Νηρηίδες ἀβλάβηιν μοι
τὸν κασιγνήτην δίδότε τυίδ' ἴκεσθαι
κάσσα |οι θύμω<ι> κε θέλη γένεσθαι
πάντα τειλέσθην,

ὄσσα δὲ πρόσθ' ἄμβροτε πάντα λύσαι
καὶ φίλοισι |οῖσι χάραν γένεσθαι
ἔ|χθροισι, γένοιτο δ' ἄμμι
μῆδ' εἴς

τὰν κασιγνήταν δὲ θέλοι πόησθαι
|τίμας, |όνίαν δὲ λύγραν
|οτοισι πιά|ροισ' ἀχεύων
|.να

|.εισαῖτω|ν| τὸ κέγχρω
|λεπαγ|..(.)|αι πολίταν
|λλωσι|...|νηκε δ' αὐτ' οὐ
|κρω|

|οικί |εο| |.ι
|..|ν σὺ |δι| ἐ Κύπρι|..|..(.)|να
|θεμίν|α κάκαν |
|.ι.

Ó Cípris e Nereidas, ileso, a mim,
o meu irmão concedei aqui chegar,
e o que no coração ele queira que seja –
tudo cumpri;

e que seus passados erros todos ele repare
e que aos amigos uma alegria ele seja,
... aos inimigos, e que não nos seja ...

[...] e a irmã – que ele a queira fazer

Comentário No fragmento preservado no *Papiro de Oxirrinco* 7 (século III d.C.), temos uma canção-prece a Afrodite – chamada pelo nome que nos remete à sua geografia mítico-poética e religiosa insular, “Cípris” – e às Nereidas – netas de Oceano e filhas do velho do mar, Nereu. Quem apela às deidades o faz em benefício da 3ª pessoa do singular, a quem se refere como “meu irmão”.¹⁶ Uma vez que o *eu* da poesia de Safo é habitualmente identificado à própria poeta, é leitura corrente que o *ele* é Cáraxo, com base em Heródoto (século V a.C., *Histórias*, II, 134–135), segundo quem uma *hetera* de nome Rodopis, feita escrava, foi levada para o Egito do faraó Amásis (c. 570 a.C.) por um homem que, depois, a libertou em troca de vultoso pagamento efetuado por “Cáraxo de Mitilene, filho de Escamandrônimo e irmão de Safo, a poeta”; e Heródoto diz: Cáraxo, em seguida, “retornou a Mitilene, e numa canção Safo muito o atacou, de maneira severa”. Há nesse relato, porém, sérios problemas de cronologia; ademais, nada prova que Heródoto se refira ao nosso Fr. 5; e tampouco se justifica de fato a identificação automática de Safo ao *eu* da canção, o qual pode ser outra personagem. Na prece, identificadas as deidades, seguem-se os pedidos. Primeiro, de proteção ao navegante que retorna – função própria da atuação de Afrodite e das Nereidas, indicam seus cultos e imagens mítico-poéticas e iconográficas. Mas nos pedidos seguintes, nada há que os ligue de maneira especial às deidades invocadas; eles falam no cumprimento de todos os desejos do “irmão” – algo que recorda os versos 17–18 e 26–27 do Fr. 1 –, na reparação de seus erros passados, na atitude para com amigos e inimigos – “alegria” àqueles, males, a estes, de acordo com a ética grega tradicional. Falam ainda em algo relativo à sua “irmã”, que não sabemos quem é.¹⁷

16. Verso 2.

17. Mantenho para o Fr. 5 (e outros) a edição Voigt (1971). Preferi não adotar reedições com base em novos papiros envoltos em complexas questões, das quais dá ideia a nota de retratação de Anton Bierl e André Lardinois, editores de *The newest Sappho* (Brill, 2016). Recomenda-me a prudência, mesmo se excessiva, aguardar a estabilização do cenário.

HEDRA EDIÇÕES

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botecoins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhosa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípedes
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Elisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft

METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Racismo, machismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani e Emilio Gentile

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

«NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, em 11 de agosto de 2021, em tipologia Formular, Porson e Minion Pro, com diversos softwares livres, entre eles, Lua[®]TeX, git & ruby.
(v. 8ea54a3)

